

EA

ESCOLA ABERTA



Jornal da Escola Secundária/3 da Sé - Lamego

Número 1

Preço: 0,50 flores

Março 2005

Direcção: Biblioteca/Mediateca

Publicação Trimestral

Editorial

A urgência da paz

Este ano lectivo, na nossa Escola, tem-se vivido um clima diferente. As dificuldades, em vez de obstáculos, podem ser um estímulo a que cada um assuma mais as responsabilidades que lhe competem. Assim tem acontecido. Por isso respira-se melhor.

Um exemplo, entre outros, foi a festa de final de primeiro período. Com a ajuda de todos, o átrio transformou-se em sala de visitas. Os alunos que se distinguiram ao longo do ano passado e seus pais tiveram lugar de honra. Houve música, dança, flores, festa. Houve respeito, alegria e muitas estrelas, em *tshirts* originalmente decoradas a dizer, em várias cores, que a paz é urgente e possível, se cada um souber acolhê-la e dar o primeiro passo.

Ainda não chega, porém. Todos damos conta de que há um longo caminho a percorrer para que a paz habite no nosso coração e nos espaços que habitamos. É necessário crescer na responsabilidade e na consciência de que, se não quisermos ser mais educados, não seremos cidadãos responsáveis nem livres. É preciso que as salas de aula, mas também os corredores, os espaços comuns, o recreio e ainda as ruas, as lojas, os locais de diversão, os espaços públicos sejam atravessados por pessoas que se respeitam e respeitam os outros, sabem estar atentas e conscientes, sabem intervir sem magoar nem gritar, usam a linguagem com correcção e delicadeza. É preciso que a estrela da paz que desenhamos seja um compromisso, efectivo, no nosso quotidiano.

Esta é uma tarefa que cabe a todos: pais, professores, auxiliares de acção educativa, pessoas que trabalham nos diversos serviços da escola ou com ela colaboram, alunos.

Agora, que a Primavera começa, cheia de promessa de vida nova, à partida ou no regresso das visitas de estudo, onde se abrem novos horizontes de conhecimento e de relação, que tal aceitar o desafio de crescer em educação e procurar, com todas as forças, ser construtor de paz?

“Pelo sonho é que vamos/ Comovidos e mudos”, dizia o poeta e educador Sebastião da Gama. Cada pequenino gesto de paz é já o sonho que se concretiza. E o mundo fica mais reconciliado, mais belo.

Vamos a isso?

*Pela Equipa da Biblioteca
Dr.ª Cristina Borges Teixeira*

"Dez Milhões de Estrelas"



Dez Milhões de Estrelas

*Um apelo de hoje
Um gesto para sempre...*

Obrigado por terem participado!

Foi extremamente belo poder ver, a 17 de Dezembro, toda a Escola reunida em torno do projecto “Dez milhões de estrelas”, sugerido pela Cáritas Portuguesa.

Tratou-se de uma iniciativa que englobou várias actividades, desde a construção e decoração de uma estrela gigante, no átrio principal da Escola, até à declamação de um poema alusivo à Paz.

Mas, a realização de um cordão humano, à volta da Escola, e a posterior construção de uma estrela iluminada por velas da Cáritas, no

campo de futebol, culminaram esta actividade natalícia que constituiu um verdadeiro apelo no sentido de promover a Paz, num mundo, cada vez mais, dilacerado pela violência e pela guerra.

*Pela Organização
Dr.ª Leonor Costa*



SUMÁRIO

Como surgiram os livros	2
Monstros do Passado	3
Um Sorriso...Uma Reacção	4
Entrevista com a escritora Ana Maria Magalhães	5
História da Natação	6
A Escola deve marcar a diferença	7
“Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”	8
“Mass Média” e Sexualidade	11

NÓS, POR CÁ

COMO SURGIRAM OS LIVROS



Os livros acompanham-nos durante toda a vida, são nossos amigos e encantamo-nos com os seus desenhos; mesmo quando ainda não sabemos ler nem escrever, aprendemos e divertimo-nos com eles.

Foi há muitos, muitos anos, que o homem registava os acontecimentos que presenciava no seu dia a dia numa pedra. Mais tarde, descobriu que alguns materiais, tais como as cascas de certas árvores e as folhas das palmeiras, serviam para riscar e eram muito mais fáceis de trabalhar.

Por volta de 4000 anos a.C. começa-se a usar, no antigo Egipto, o papiro, fabricado a partir de uma planta chamada Papyrus. Esta tela não pode ainda ser considerada como papel.

Foram os chineses que inventaram o papel, cerca de 100 d.C. No entanto, só no séc. X foi conhecido no continente africano e introduzido na Península Ibérica pelo povo mouro. Na idade média os monges copistas dedicaram grande parte da sua vida à elaboração e cópia de muitas obras famosas. Para tal, usavam o pergaminho - pele de cordeiro - que, depois de devidamente curtida, seca e esticada servia para encadernar os livros, que se tornaram, a partir de

então, em verdadeiras jóias da cultura, tal era a beleza e perfeição das suas iluminuras.

Em Portugal, os primeiros escritos em papel datam de 1288 e de 1334. Para tal, nas oficinas especializadas a madeira é reduzida a pequenas aparas que, depois de submetidas a vários processos e à acção de vários produtos químicos, se transformam numa pasta de cor acastanhada a que se chama pasta crua.

Esta pasta é depois branqueada, seca, prensada, e transportada à oficina de papel. Aqui, vai efectuar um longo percurso para ser, finalmente, transformada em papel. Passará por vários equipamentos e sofrerá a acção de outros produtos químicos até chegar à máquina do papel, onde se vai formar uma folha que, depois de seca e prensada, é enrolada num rolo enorme, ao qual se dá o nome de jumbo, que pesa cerca de quarenta toneladas.

Este rolo será posteriormente cortado em folhas de diversos tamanhos. E assim, após este longo e complicado processo, o papel está pronto a ser utilizado por todos nós, para os mais diversos fins.

No entanto, é a Joahannes Gutenberg, nascido na Alemanha, em 1395, no seio de uma família bastante próspera, que se deve a criação do processo de impressão em caracteres móveis, a tipografia. Essas letras de metal e do mesmo tamanho eram dispostas em linha para formar palavras.

As linhas de letras eram colocadas dentro de um caixilho, firmemente apertadas, constituindo, assim, uma página.

Esta era fixada numa prensa, o prelo, coberta de tinta. Rodando um enorme parafuso de madeira, era comprimida à página uma placa de madeira lisa onde se encontrava uma folha de papel, imprimindo-se, assim, o texto. Um prelo podia imprimir, por dia, cerca de trezentas páginas. Os caracteres de metal eram duradouros e podiam utilizar-se centenas de vezes.

Só no séc. XVI se admite tenham sido impressos na Europa cerca de duzentos milhões de livros. A partir de então, os livros passaram a ser mais acessíveis à maioria da população, passou a haver mais exemplares de cada assunto e tornaram-se num dos mais importantes mass-média contribuindo, assim, para a divulgação de novos valores e mentalidades.

Dr.ª Lúcia Viegas

Coordenadora da Biblioteca/Mediateca

Já Passou

Auschwitz

A Escola não pôde deixar de comemorar, no dia 27 de Fevereiro, uma data tão importante pelo seu significado como foi a Libertação do campo de Concentração de AUSCHWITZ. Para tal, organizou-se uma pequena exposição na Biblioteca e sala de Professores com documentos alusivos à efeméride.



Apresentação do Livro “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”

Decorreu no dia 24 de Janeiro, pelas dezassete horas, na sala de professores, a apresentação do livro “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”. Todos os professores presentes tiveram a oportunidade de relectir sobre algumas questões da vida escolar.

Vem Aí !!!

* **Ler Consigo** (14 MARÇO)

* **Dia Internacional do Livro Infantil** (18 ABRIL):

- Encontro com a escritora Dr.ª Isabel Alçada

* **Comemoração do Dia Internacional dos Museus** (3.º PERÍODO)

* **Exposições:** (3.º PERÍODO)

- O Caminho do Reis de Portugal

- O Pão nos Cartazes Políticos Europeus do séc. XX

Monstros do Passado



Não devia ser fácil a vida nos mares há milhões de anos. Sobretudo porque o tamanho de alguns dos seus habitantes tornava difícil a existência de outros, engolidos sem misericórdia pelos animais dominantes.

A história da evolução dos vertebrados, segundo afirmam os peritos, começou nos mares do

Câmbrico, há 590 milhões de anos. Nessa época, abundavam uns seres sem mandíbulas nem dentes, de corpo mole, que absorviam microscópicas partículas nutritivas. Depois, surgiram os primeiros revestimentos ósseos. Graças a estes, foi possível a formação dos fósseis, que viriam a ser estudados pelos paleontólogos para conhecer a verdadeira face do planeta.

Em finais do Ordovício, muitos peixes sem mandíbulas, ou agnatos, já tinham evoluído e, durante o Silúrico (há 408 milhões de anos), apareceram os primeiros peixes com maxilas móveis e dentes.

Durante o período Ordovícico, o *Orthoceras* gigante surgiu como o Golias dos mares e o seu maior predador. Os fósseis deste molusco cefalópode são muito raros e só foram encontrados na América do Norte. O *Orthocera* partilhava o seu habitat com escorpiões do mar, trilobites gigantes e asteridas, um peixe primitivo sem mandíbulas, que não ultrapassava os 30 centímetros de comprimento.

No final deste período, produziu-se uma extinção em massa que acabou com quase metade das espécies. Iniciou-se, então, o Silúrico. Os mares começaram a aquecer e, como a temperatura das águas tinham subido, surgiram no Devónico os primeiros peixes verdadeiros.

Quase cem milhões de anos depois, na época do Pérmico, a vida nos mares não diferia muito da que já existia. Embora as espécies mais comuns fossem os braquiópodes, as amonites e os gastrópodes, é preciso não esquecer que os peixes espinácidas eram abundantes e que os tubarões do Devónico tinham sobrevivido até esta época.

Um dos maiores foi o *Orthacantus*, que habitou as zonas húmidas do norte da Europa e a América do Norte. Possuía um corpo flexível de 3,5 metros e uma dupla fileira de dentes afiados coroava as suas poderosas mandíbulas. Foi um grande predador das zonas húmidas, que viria a terminar os seus dias mesmo antes dos Dinossauros.

No final do Pérmico, quase 90 por cento das criaturas do planeta tinham desaparecido, incluindo os tubarões primitivos. Depois desta hecatombe, chegou um período de transição, o Triássico, uma época em que os sobreviventes se disseminaram e colonizaram os ecossistemas.

O grupo dominante de tubarões foi o dos hibodontes, que mediam até três metros, embora algumas espécies não ultrapassassem os 20 centímetros. Os dentes tinham-se especializado; alguns tinham os topos duros, para agarrar presas de corpo mole, enquanto os de outras espécies eram lisos e planos, para poderem triturar invertebrados de carapaça dura.

Os tubarões competiram com outros seres extraordinários do Mesozóico que habitaram os mares durante 155 milhões de anos. Estas criaturas eram os ictiossauros, répteis marinhos de respiração aeróbia e corpo pisciforme que viviam no mar alto e até pariam as crias dentro do oceano.

Durante o Jurássico, há 213 milhões de anos, as grandes massas de terra dividiram-se e foram-se criando novos mares. Os 27 metros do *Leedsichthys* não deviam encontrar paralelo em qualquer outra espécie, nem os 40 mil dentes que possuía.

É provável que o *Leedsichthys* tenha sido a maior espécie que jamais existiu à face da Terra, mas aquela época proporcionou outro recorde: o *Ophthalmosaurus*, cujos olhos tinham 23 centímetros de diâmetro.

Chegou o Cretácico, uma época de grandes mudanças. Foi, sobretudo, o tempo dos dinossauros. O mar era perigoso, devido ao número e à ferocidade dos predadores marinhos. Mosassauros, elasmossauros e pleiossauros eram os reis da época, sem esquecer a grande tartaruga *Archelon*, cujo aspecto era semelhante ao das tartarugas actuais.

A chegada do período Cenozóico, que ocupou os últimos 65 milhões de anos, representou a era dos mamíferos, embora os “monstros marinhos” não se tivessem extinto e restassem, entre outros, as baleias primitivas e os parentes próximos do tubarão branco, o *Megalodon*.

Esses gigantes já desapareceram e só ficaram os tubarões. Há quem diga que ainda existem outros monstros, mas isso pertence ao domínio da criptozoologia.

Dr. Mário Guerra

A Geração Digital

Irá o papel acabar?

Hoje em dia não escrevemos em papiro, não talhamos as nossas mensagens em pedras, não as gravamos em pedaços de madeira, pois usamos papel. Escrevemos em papel, imprimimos em papel e muitas vezes desenhámos e pintamos em papel. Mas, eis que surge um novo meio.

Geração pontocom

A geração que não conheceu o mundo antes do computador é imbatível na rapidez com que processa informações e novidades. A partir da década de 90, essa novidade introduziu-se na vida da classe média urbana.

O computador é um equipamento que acompanhou o jovem praticamente desde seu nascimento. Para o adolescente, telemóvel, consola, cartão, DVD e computador sempre estiveram presentes. A rapidez com que as novas formas de comunicação foram desenvolvidas nos últimos anos, misturando texto, som e imagem, causou uma revolução nos hábitos e costumes.

Os jovens de hoje passam boa parte do tempo sozinhos, sem a presença de adultos (o mesmo aconteceu na década 60-70), mas o computador transformou-se actualmente numa “babysitter” electrónica mais interessante que a televisão. Com a Internet, o centro do mundo dessa geração e o hábito do entretenimento electrónico passou a ser interactivo e nada solitário. O adolescente pode participar em jogos virtuais com amigos conectados do outro lado do mundo ou comunicar-se com a namorada via *e-mail*. A Internet também serve para ajudar nos trabalhos escolares, *downloads* de músicas do conjunto favorito ou entrar num *chat* de discussão sobre um filme da moda.

Consequentemente, o hábito de leitura é cada vez menos frequente, principalmente entre os jovens; o vocabulário próprio, embrião da nova linguagem que invade o ecrã dos computadores, dos telemóveis e outros meios de comunicação que utilizam a linguagem escrita *on-line*; a rapidez e a destreza em localizar e seleccionar informações são alguns dos trunfos dessa geração digital.

Alunos do 12.º D

Corta-Mato Escolar



Decorreu no passado dia dezassete de Dezembro de 2004, o Corta-mato escolar para apuramento dos representantes da nossa Escola na competição a nível do CAE, que mais uma vez se vai realizar na esplêndida Serra da Lapa.

O evento teve a participação de sessenta e quatro alunos, distribuídos pelos escalões de infantis B, iniciados, masculino e feminino, juvenis e juniores. Embora consideremos este número reduzido, está próximo das nossas expectativas, verificando todas as vicissitudes de um início de ano lectivo atribulado e onde as obras nos pavilhões desportivos vieram dar também o seu contributo de forma negativa.

Num tempo em que quase todas as solicitações tendem para o imobilismo, motivar os jovens a correr, por vezes, como foi o caso, em condições muito adversas, é uma tarefa que se torna árdua, mas os nossos resistentes e corajosos atletas venceram as agruras do clima e às nove horas em ponto, iniciaram as suas provas, subindo e descendo, correndo por entre as pereiras e aveleiras para uma meta que tem como prémio primeiro o prazer hedonístico.

A temperatura “ártica” e o nevoeiro não foram suficientes para desmobilizar alguns alunos espectadores que incentivavam os atletas.

A coadjuvar a organização do evento, estiveram os alunos do 10º A, que, colocados em pontos estratégicos, fizeram o controlo das várias corridas e registaram as chegadas à meta.

Consideramos que o verdadeiro prémio está na participação, e, num universo

Um Sorriso...Uma Reacção



É certo que a postura do professor condiciona a postura do aluno, mas também é verdade que o mesmo se passa ao contrário.

Entenda-se por postura, não só a posição e movimentação do corpo, mas também a disposição anímica. Assim, se o educador entrar na sala de aula carrancudo, sem um sorriso nos lábios, com uma vontade nula em falar com os alunos e se “isolar” no seu cantinho, sem dúvida que o que se pode esperar de uma aula é que ela vá ser monótona, rotineira e até um pouco “reprimida”.

Se, pelo contrário, a propósito da posição ou comentário de um aluno, o educador responder com um certo sentido de humor (coisa que falta muitas vezes, dado o stress a que a actividade docente está sujeita), brincando assim num momento e noutro, aí sim, é certo que o decurso da aula promete ser outro: o aluno estará mais “aberto” ao que o educador tem para dizer, bem como mais “à vontade” para questionar algo ou fazer comentários pertinentes.

Porém, tudo seria diferente se o professor conseguisse alhear-se da má postura dos alunos. Estes sim, alteram também a boa disposição dos educadores.

Quando numa sala de aula, em que os alunos não conhecem, ou melhor, não se interessam pelas regras cívicas básicas, apesar de todos os esforços dos seus educadores em cativá-los, motivá-los para uma simples conversa (já para não falar em estudo) a disposição anímica dos professores altera completamente. Quem entrou nessa sala com alguma boa disposição, de certeza que irá sair totalmente transformado (falo com conhecimento de causa, em relação a anos anteriores).

Assim, colegas, o que fazer perante tais condicionalismos? Desistir, ou continuar a lutar? Por favor, não optem pela primeira hipótese, pois isso seria demitir-nos da nossa função de professores/educadores. Levem um bocadinho de humor para dentro da sala de aula (se necessário, finjam um pouco!) e verão que os próprios alunos se libertarão um pouco mais das suas desmotivações.

Para aqueles que acharem que este é um discurso “inútil” e “ridículo”, só posso pedir que tentem: sorriam e verão mais vezes sorrisos à vossa volta!

Dr.ª Maria Hermínia Quintela

em que todos foram vencedores, deixamos aqui a lista de todos os vencedores. Os outros desistiram ou foram desclassificados por comportamentos muito pouco desportivos.

Infantis B Masculinos

Classificação	Nome
1º	Tiago Santos Saraiva Oliveira
2º	Rui Pedro Veríssimo Almeida
3º	Fábio Emanuel D. Pereira
4º	André Lobo Santos Mendonça
5º	Sérgio Filipe Rodrigues
6º	Fernando Araújo
7º	Pedro Miguel Almeida
8º	João Filipe Moreira
9º	João Carlos Costa Abrunhosa

Iniciados Femininos

Classificação	Nome
1º	Filipa Silva
2º	Patrícia Raquel Gaudêncio
3º	Tânia Silva

(continua na página 6)

DIZER... CRIAR

Entrevista com a escritora Ana Maria Magalhães - II Parte



Foi um privilégio, o facto de termos recebido, na nossa Escola, a visita da Escritora Dra. Ana Maria Magalhães, cujos livros de aventuras temos lido, com prazer e com proveito.

A sua obra (em parceria com a Escritora Dra. Isabel Alçada) compreende livros de aventuras, alguns dos quais inspirados em factos verídicos, autobiográficos ou não, e vários outros livros de História de Portugal. Estes últimos, apoiados em documentos fidedignos, não são, contudo, o relato seco dos acontecimentos históricos. As Escritoras fazem reviver as diferentes épocas pretéritas, com os seus usos e costumes, com os seus hábitos e crenças. Deste modo, o ambiente, a mundividência, o modo de viver (desde os hábitos alimentares aos diversos tipos de vestuário, de

habitação, de artefactos usados), tudo passa a ser familiar aos leitores. Há, pois, um “mergulho” nessas épocas passadas, em toda a sua dimensão. Deste modo, quem lê as referidas obras, passa a “viver” em outras épocas e “convive” até com personagens de outros tempos: anónimas, algumas; outras, bem conhecidas das páginas da História de Portugal.

A equipa da Biblioteca o nosso caloroso agradecimento, pela iniciativa, pelo dinamismo e pela dedicação que permitiram que tivéssemos recebido condignamente a Escritora. A Senhora Dra. Lúcia Maria leu-nos alguns capítulos de um dos livros de aventuras da Escritora, e estimulou a nossa imaginação, convidando-nos a “acabar a história” segundo a nossa capacidade inventiva, e a ilustrá-la, com desenhos, feitos por nós. Deste modo, aprendemos imensas coisas, divertimo-nos, e... descobrimos em nós potencialidades que desconhecíamos.

Fábio Alexandre, 7º C – Sabemos que a Senhora Dra. teve uma infância feliz, e com imensas aventuras. Quer fazer o favor de nos contar algumas dessas aventuras?

Escritora - Sim, vivi aventuras várias com os manos, os primos, os amigos. Mas a mais célebre e verdadeiramente perigosa, foi de uma vez, no mar. Eu tinha 14 anos. Éramos um grande grupo de adolescentes e havia algumas crianças. Dividíamo-nos em dois: uma parte do grupo que gostava de acordar cedo e ir para a praia e outra parte que dormia durante a manhã e que ia de tarde.

Ana Carina, nº2, 7º C - Agradecemos que a Senhora Dra. fizesse o favor de nos falar das vantagens da leitura continuada e até repetida de livros.

Escritora - Repetida, só por gosto pessoal. Não vejo vantagem em estar a ler sempre a mesma coisa, se não se fizer por gosto. Agora, se o leitor gostar muito de um livro, acho óptimo. Às vezes, é agradável ler outra vez um capítulo ou uma parte de um livro.

A leitura, como hábito, é muito importante: é o que faz a diferença, toda a diferença, entre o analfabeto e as pessoas cultas, aquelas que lêem habitualmente. Uma pessoa deve exercitar o cérebro como deve exercitar os músculos. Se uma pessoa fizer ginástica, os músculos desenvolvem-se. Se ler, é o cérebro que se desenvolve. Os países onde há mais leitores são os mais desenvolvidos.

Sabem quando começa a promoção da leitura em Inglaterra? Na escola pré-primária! Os meninos todos os dias escolhem o livro de histórias que querem levar para casa, livremente. Mas todos têm de levar um livro. Os pais têm de lhes contar as histórias e de preencher uma ficha com os comentários dos filhos. E os pais que não cumprirem isto ficam muito mal vistos.

Deste modo, quando começam a ler, as crianças já vêm influenciadas pela leitura da pré-primária. Quando chegam à vossa idade, já têm adquiridos hábitos de leitura.

Eu costumo dizer que a leitura é uma grande escadaria. Cada um deve começar no degrau que mais lhe agrada. Não se pode forçar todas as pessoas a lerem o mesmo.

E nós, Portugueses, não podemos ser os “estupidozinhos” da Europa. É que, sem cultura, só servimos para criados dos outros, os Franceses, os Ingleses, etc.

Professora de Português do 7º C e E - Quero dizer que costumo recomendar aos meus alunos a leitura repetida de livros de que eles gostem. Concordo que ninguém tenha de ser obrigado a ler

repetidamente um livro de que não goste demasiado. Contudo, creio que as várias leituras de um livro, apresentam vantagens inegáveis. Através delas, descobrimos novos sentidos que uma primeira leitura não permitiu captar, adquirimos a consolidamos vocabulário, bem como estruturas linguísticas que, repetidamente lidas, se gravam no nosso cérebro e nos ajudam a estruturar o nosso próprio discurso, oral e escrito. Isto é: a leitura continuada, e a releitura de livros, levar-nos-ão a falar e a escrever melhor; serão a garantia de um progresso linguístico seguro, em direcção ao ideal de um cada vez mais perfeito domínio da nossa língua.

Ricardo Cardoso, nº15, 7º C - Pedimos-lhe, Senhora Dra., o favor de nos falar da sua parceria com a Senhora Dra. Isabel Alçada. Como é que se conheceram e como decidiram trabalhar juntas?

Escritora – Conheci a Isabel Alçada à porta da Escola Fernando Pessoa, em Lisboa. Eu ia começar um novo ano lectivo, com estágio, numa nova escola e não conhecia ninguém. Por isso, estava a sentir-me ali um bocado infeliz. Então apareceu outra professora que também não conhecia ninguém. Era a Isabel. Ficámos amigas. É uma óptima colaboradora e uma pessoa fantástica. Em 1982, depois de muito escrevermos para os alunos, tentámos o nosso primeiro livro. Não foi fácil arranjar editora. Levámos com a porta na cara por três vezes. Só a Editorial Caminho quis apostar em nós.

Roberto Santos, nº16, 7º C - Gostaríamos que a Senhora Dra. fizesse o favor de nos contar a sua experiência como directora do “Jornal do Gil”, na Expo’98.

Escritora - Não gostei muito. Tinha de dar contas a outras pessoas e isso foi incómodo para mim.

Mauro Cardoso – Qual é a sensação de saber que milhares de pessoas lêem os livros da Senhora Dra.?

Escritora - É uma sensação de alegria e de responsabilidade. Porque toda a gente pode fazer alguma coisa mal, sem querer. Nunca tivemos queixas, mas tenho sempre medo de que alguma coisa possa ter influenciado negativamente alguém. Por exemplo, n’ Uma aventura na praia, em que as personagens se metem numa gruta, vai uma recomendação a dizer: «Isto é um livro. Entrar numa gruta é muito perigoso.» Vós já sois crescidinhos, mas os pequeninos podem querer imitar. Às vezes, até exageramos na história, para eles verem bem que aquilo é exagero, que não pode ser.



Eduardo Jorge, nº 5, e Ricardo Micael, nº 18, 7º E - Senhora Dra., como consegue entrar na nossa imaginação e escrever o que nós pensamos?

Escritora – Esta foi a pergunta mais linda que me fizeram este mês: «Como consegue entrar na nossa imaginação e escrever o que nós pensamos?» Eu tenho cinquenta e sete anos, vós tendes treze ou catorze. Não é fácil, mas tentamos pôr-nos na cabeça de quem só tem catorze anos.

Escritora – Os meninos estiveram muito bem, foram muito educados e receberam-me muito bem. Valeu a pena fazer uma viagem de três horas e meia e agora outra de três horas e meia (no regresso), para vos conhecer.
Muito obrigada a todos.

Dr.ª Maria Irene Cardoso



Corta-Mato Escolar - continuação

Infantis B Masculinos

Classificação	Nome
1º	António José Santos
2º	José Carlos da Silva Ferreira
3º	Filipe Manuel J. P. Teixeira
4º	Ricardo Micael Cardoso
5º	José António
6º	Cláudio Ismael Rodrigues
7º	Paulo Alexandre Faria Silvério
8º	Bruno Miguel Fonseca
9º	Miguel Ferreira Ribeiro
10º	Ricardo Jorge Almeida Fonseca
11º	Cédric Subtil
12º	João Luís Amaral Silva
13º	Nuno Miguel Rebelo

Juvenis Masculinos

Classificação	Nome
1º	Nelson José Sousa Teixeira
2º	Rui Manuel Santos
3º	Nuno Ricardo Coelho Pereira
4º	Paulo Jorge Diogo Pinto
5º	Sérgio Rosinhas
6º	Márcio Faustino
7º	Vítor Hugo Loureiro
8º	Tiago Cristiano Silva
9º	Telmo Andrade Dias
9º	Tiago Magalhães

Juniores Masculinos

Classificação	Nome
1º	Paulo Rui Batina
2º	Vasco Costa

O Coordenador do Desporto Escolar
Dr. Jorge A. Reis

HISTÓRIA da NATAÇÃO

Do nadar por instinto de sobrevivência à arte da natação

A natação é tão antiga como o Homem. De facto, a natação sempre foi para o Homem tão vital como a marcha. Mas, para além disso, foi também uma arte nobre em todas as civilizações. Os Egípcios, os Fenícios, os Gregos e os Cartagineses ficaram famosos pela sua habilidade na arte de nadar. Mais tarde, os Romanos, para denominarem um homem mal-educado e pouco instruído, tinham o costume de dizer que ele «não sabia ler nem nadar». Pode-se concluir, daqui, a importância que os Romanos atribuíam à natação.

Os antigos Gauleses cultivavam também a arte da natação, o que lhes valeu,

por parte do historiador Sidoine Apollinaire, o epíteto de «nadadores». Posteriormente, nenhum fidalgo podia ser armado cavaleiro se não dominasse na perfeição a arte da natação.

No reinado de Luís XV, apareceram os estabelecimentos de banhos ao longo dos cais do rio Sena que atraíram imediatamente



uma clientela de pessoas de estrato social e l e v a d o , devido ao facto de se poder tomar ali banho longe de olhares públicos. As primeiras piscinas de água aquecida apareceram em Paris (a piscina de Chateau-London em 1870) e no Norte de França (a piscina dos Banhos de Lille em 1890).

Foi através das suas sucessivas

construções e devido ao desenvolvimento do desporto nos países anglo-saxónicos que a natação se tornou um desporto.

Dos banhos à natação desportiva

É certo que a natação não era uma das disciplinas dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, mas o historiador grego Pausânias já relata concursos de natação. Conta-se que, no Japão, um édito imperial, datado de 1603, ordenava que a natação desportiva fosse estimulada nas escolas mediante a organização de provas entre estas. Mas foram principalmente os países anglo-saxónicos que difundiram a natação desportiva no plano mundial.

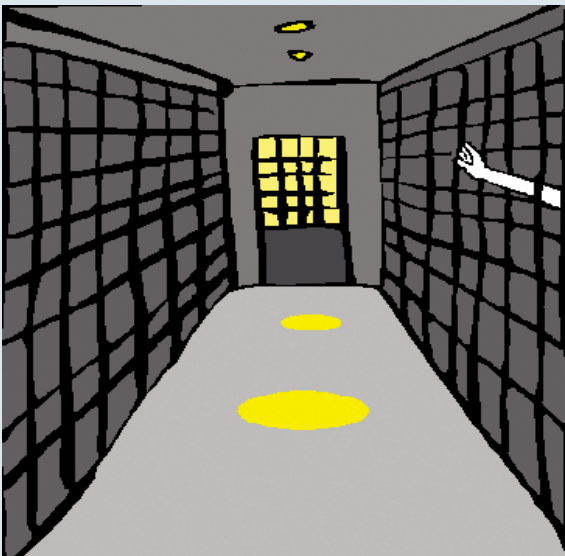
A história do desporto moderno assegura que a natação como competição já existia na Inglaterra por volta de 1830. Nos Jogos Olímpicos, esta modalidade pertence ao reduzido grupo das mais importantes, podendo mesmo assegurar-se que é a que suscita maior atenção nos primeiros dias, enquanto o Atletismo não se inicia. Mark Spitz, o norte-americano que venceu sete medalhas de ouro numa única edição dos Jogos (1972), foi a grande figura de uma modalidade que está nesta competição de forma ininterrupta desde a edição inicial, em 1896. Ao longo de mais um século, muito se alterou em estruturas na natação, até se chegar às excelentes piscinas de 50 metros. Quanto a inovações, as mulheres fizeram a sua estreia em 1912. No tocante aos estilos de costas surgiram pela primeira vez em 1900, os bruços em 1908 e a mariposa em 1956.

Drª Sílvia Isabel Azevedo
Professora de Educação Física



DIZER... CRIAR

A Escola deve marcar e fazer a diferença...



Sustenta o Despacho Conjunto n.º 451/99 de 1 de Junho que o Projecto Educativo integra os planos curriculares, os programas e o regime de avaliação adoptados para o ensino recorrente, com ajustamentos ao perfil dos alunos e às condições próprias do funcionamento de um Estabelecimento Prisional, devendo ainda contemplar componentes de formação sócio-cultural e actividades extra curriculares.

O objectivo principal do Projecto Educativo é o de *criar uma mais forte dinâmica de aprendizagem*, tendo sempre em atenção a especificidade da escola e do seu público, de forma a mobilizar a imaginação e vontade colectivas, nas iniciativas que serão coordenadas no Plano de Actividades.

Como em qualquer escola, as práticas pedagógicas tentam responder aos diferentes ritmos, estádios de desenvolvimento e às diferentes experiências de cada aluno. Neste contexto escolar, são ainda mais diversificadas.

Tendo conhecimento da realidade em que insere o processo de ensino/aprendizagem num Estabelecimento Prisional, deve ser prioridade do corpo docente ir ao encontro dos interesses e motivações dos alunos e trabalhar num clima de solidariedade e cooperação.

O corpo docente tem que estar consciente dos efeitos da reclusão e dos problemas daí decorrentes, sabendo enfrentá-los com naturalidade, adaptando métodos e aplicando estratégias / actividades que estimulem os alunos, que os motivem para as actividades escolares. A este nível, podem destacar-se algumas estratégias que são utilizadas: reflexão conjunta, diálogo, pesquisa de informação, troca de experiências, de pontos de vista e de informação, desenvolvimento de um processo de ensino / aprendizagem individualizado e diferenciado, atendendo, na medida do possível, às características de cada formando, estabelecimento de uma inter-relação e de uma interacção, baseadas na abertura e confiança, entre outras.

Desta forma, a escola deve orientar os alunos / reclusos numa formação / instrução que, para além de ter em conta a aquisição de conhecimentos, consiga torná-los mais responsáveis e autónomos na sociedade que os espera.

É devido à acção conjunta dos professores e gradual envolvimento dos alunos que pode considerar-se que o Projecto Educativo é um real mobilizador da acção desenvolvida e contribui para que se estabeleça uma acção concertada por parte de todos os intervenientes.

Na verdade, um projecto distingue-se de uma mera actividade de ensino-aprendizagem, pelo sentido que possui, pela intencionalidade que o orienta, pela organização que pressupõe, pelo tempo de realização que acompanha e pelos efeitos que produz. Como tal, envolve uma articulação entre intenções e acções, entre teoria e prática, organizada num plano que estrutura essas acções.

Todos os anos as “variáveis variam”, as vontades alteram-se, as sensibilidades são diferentes. São essas variáveis que fazem com que o processo avance e saia enriquecido.

É necessário adoptar atitudes e estratégias conducentes à concretização das metas. Esta concretização exige esforços articulados entre todos. Esta exigência, é ainda mais sentida, neste pólo. *A escola deve marcar e fazer a diferença.*

Estamos todos empenhados em construir a escola que sonhamos: uma escola de partilha, de responsabilidade, de alegrias, de emoções e de vontade, onde se viva a aventura permanente de aprender ensinando e de ensinar aprendendo. Até porque a educação de adultos vai mais além das mecânicas - a mecânica das frases que se lêem e se escrevem, a mecânica dos números, da organização do mundo. A educação de adultos é uma arte.

Quem ensina, entende o outro com a humildade do saber, paciente, afectuoso, companheiro, desafiando perguntas. Quem aprende, pratica a mesma arte. E outra: a arte de se aprender a si mesmo, de ganhar consciência das realidades próximas e distantes. A arte de saber quem é, onde está, como está.

Só com a união de esforços e a junção de vontades o trabalho se simplifica, as vontades se harmonizam, o sonho passa a ser sonhado e se acredita no que se faz.

**A Coordenadora Pedagógica no Estabelecimento Prisional de Lamego,
Dr.ª Helena Maria Morgado Sebastiana**

Em Nome da Liberdade

1. Uma alegria partilhada transforma-se em dupla alegria, uma dor partilhada em meia dor.
2. O verdadeiro amigo é aquele que não pede nada em troca, a não ser a própria amizade.
3. A amizade multiplica as coisas boas e divide as más.
4. Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está a passar inutilmente.
5. O amor é um crime que não se pode realizar sem cúmplices.
6. O encanto da vida depende unicamente das boas amizades que cultivamos.
7. Amigos são aquelas raras pessoas que nos perguntam como estamos, e que depois ficam à espera de ouvir a resposta.
8. O amor não nasce adulto... Cresce com pequenas atitudes!
9. Os grandes momentos da vida vêm por si mesmo, não tem sentido ficar a esperá-los.
10. Nunca andes pelos caminhos traçados, pois somente te conduzem até onde os outros foram.

11. Como seria satisfatório viver sem remorsos, poder a cada instante enfrentar a própria mente e trazer à memória o bem que se fez aos semelhantes, não achando na própria conduta senão objectos agradáveis e plausíveis.
12. O amor é uma flor delicada, mas é preciso ter a coragem de ir colhê-la à beira de um precipício.
13. Há sempre um pouco de loucura no amor, porém há sempre um pouco de razão nessa loucura.
14. Dificuldades reais podem ser resolvidas, apenas as imaginárias são insuperáveis.
15. Aquele que tentou e não conseguiu, é superior àquele que não tentou.
16. Só existe uma coisa melhor do que fazer novos amigos; é conservar os velhos.
17. A juventude não é uma época da vida, é um estado de espírito.
18. A paz mais desvantajosa é melhor que a guerra mais justa.
19. O Homem de bem exige tudo de si próprio, o Homem medíocre espera tudo dos outros.

20. Frequentemente encontramos o nosso destino no caminho que seguimos para o evitar.
21. Amigo é aquele que sabe tudo a teu respeito, e mesmo assim, ainda gosta de ti.
22. Cobarde não é aquele que chora por um mal de amor, mas aquele que não ama com medo de chorar.

**António Carlos Couto
Aluno do 3.º ciclo do Ensino Recorrente**

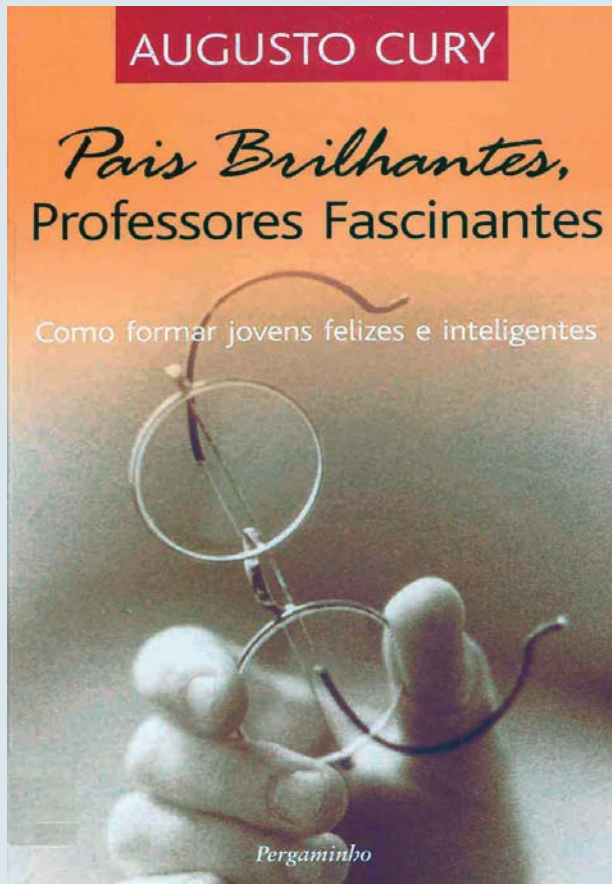


“Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”

Este é o título de uma obra, também ela fascinante, de Augusto Cury. Assim que o lemos, colocamos a nós próprios uma série de questões: “O que é isto de ser um pai brilhante?”, “O que é ser um bom pai?”; “Seremos bons pais ou pais brilhantes?”, “Haverá professores fascinantes?”; “Quais as suas características?”.

Não há dúvida de que enquanto leitores e educadores, seres falíveis “e perdidos na árdua tarefa de educar” (Cury, 2004:9), desbravamos terrenos, umas vezes pantanosos, outras vezes mais firmes. Educar é navegar... em mar alto, em ondas crispadas... e também em mar sereno. É ajudar a crescer e aprender, é construir e ajudar a construir. Ao educarmos, ajudamos à construção de um projecto e construímos o nosso, enquanto ser professor, ser pessoa, ser pai/ mãe. Como diz Cury, educar “é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência” (Idem).

Este livro fala “ao coração dos pais



e professores”, cujo sonho é “o de tornar os seus filhos e os seus alunos felizes, saudáveis e sábios” (Cury, 2004:9). Para que este sonho se realize há que enveredar então por uma visão construtivista e humanista da educação, em consonância com os nossos tempos e nossas necessidades, incorporando determinados hábitos e técnicas pedagógicas, promotoras de uma boa relação interpessoal, quer entre filhos e pais, quer entre alunos e professores.

A divulgação de “Pais Brilhantes,

Professores Fascinantes” aos colegas

tornou-se para nós importante pelo facto de ela oferecer pistas fundamentais e soluções que atacam o problema da educação em geral. Além disso, enquanto actores educativos devemos deslocar-nos no sentido de uma educação de “sonho” com vista à felicidade, à “inteligência inteligente” e à emoção saudável.

Assim, no dia 24 de Janeiro de 2005, na sala dos professores, e num ambiente informal, as professoras Cristina Parente, Dulce Loureiro, Isabel Saavedra e Luísa Pires fizeram uma apresentação da obra. Esta iniciativa possibilitou um momento de reflexão entre pares, dando-se particular ênfase à importância da educação da e para a emoção, tendo sempre em mente que educar é ensinar a pensar, a reflectir sobre si e sobre os outros, sobre a vida...

Cury partilha com o leitor um sonho lindo e revolucionador, alcançável pela via da emoção e do humanismo. Ele deixa uma mensagem de esperança num mundo melhor, numa escola humana de qualidade e numa família feliz. Cabe a todos nós enquanto educadores perseguirmos e vivermos este sonho em toda a sua plenitude.

Dr.ª Cristina Parente



COISAS e LOISAS

Programa Sócrates / Comenius 1 – Parcerias entre escolas

A trip into the unknown...



On the 17th of July I received a phone call that supposed to change my life. This phone call came from the Head of the Comenius 2.1 project, a program created for exchanging young teachers into European countries. She told me, just one day before my final examination, that they found me a school and that I am already expected somewhere in Portugal. With all the portugese words in the application form they could not really tell me where I would go. They just said “centro”. Well, I thought, that will be the center of Lisboa then. When I called my friend in Lisboa to tell her that I would be working in her town, and read out the words in the website of the school I had, she explained that I would definitely not be with her all the time. She said, I would be drunken all the time, and have legs like a bodybuilder, because were Lamego is, you can only drink Portwine and walk up and down the mountains. Oh, apart from leaving my friend in my thoughts, I really liked the idea of being in the mountains.

Then I got into contact with Maria José via email. I did not know in which language I should write, my Portugese was more or less useless. I started in English, but soon I received the most stunning emails in German. I thought, if I can speak English as perfect as she speaks German, I can call myself a good teacher (speaking wise). The first thing she told me was the story of the last years teaching assistant, who exactly stayed one day. He thought Lamego was not exactly the party town he expected and flew back to London right after. Other people told me that if they had a little sister, they would like to let her educated there, as Lamego is very catholic. Well, those were the two pieces of information I had, no parties but churches.

Lucky me, because I do not like big towns, I don't like traffic jam, I don't like crowds of people running hectically from one shop to another, I don't like travelling half an hour by train or metro just to go to work, I don't like spending money. And to be honest, I don't consider Lisbon as a place where I would get to know real portugese life. Capitals in the western world are very similar, lots of European people mixed up with the rest of the world. I wanted

to get to know real portugese people in real portugese surrounding. So I was looking forward to Lamego and told Maria José that I would definitely come.

I packed my stuff, left my flat for good and bought a single way ticket to Portugal. In late August I arrived in Lisboa and stayed with my friend, got some portugese lessons in order to be able to survive a daily question marathon in Lamego. Finally, one day in September I went to see my new home. My landlady Dona Felisbela received me friendly in the middle of the night. It took me 7 hours to get to here as my friend and I got totally lost somewhere between Coimbra and Porto...But here I was, not only in a foreign country, not on the coast which I knew from my hometown, no, I was in the middle of the mountains, somewhere hidden in the north. I went straight to bed and wanted to discover the rest of my new life on a new day.

Maria José and I met next morning. She showed me the school, the old quinta, the ginasio, her favourite café and a bit of the town. I really liked what I saw. I had the feeling I would find my way back to my house easily. And that was what I wanted, having everything in walkable distance. From home to school I need 4 ½ minutes. How great is that? Also I live in a very traditional area, with old houses, old women, who still wash their clothes in the river. And yes, I have a river right in front of my nose. Sitting on the balcony and listening to the powerful river gives one the feeling of freedom.

The school was great, especially without students. Hehe. It gave me the chance of getting to know the different entries and exits, the different rooms and floors. I got to know that I was allowed to eat in the canteen, which is great for a person without any money. Very quickly I established a working schedule, attended some conferences, where I honestly only understood my name and that was it. But apart from being unable to understand Portugese I was welcomed so warmly, with so much care and attention that I instantly felt to have 5 more mothers and 3 more fathers. Thank you for always making me welcome! That I learn(ed) every day more and more is needless to mention, this time here will be so precious, the material I get and create will always remember me on Lamego when I am back home again.

The summer went by and it seemed that we had winter from one day to the other. I was here for 4 months already. Suddenly in November it felt so so cold here, unbelievable that I am freezing in Portugal, I thought. Only then I realized that I had no heater and lots of humidity in my flat. I bought a heater. But still, I became ill. My kidneys felt like kidneys from a 90-year old woman, always being exposed to the wind and cold. Then I had the chance of getting to know a real portugese hospital from the inside. Not a very nice experience. And it did not really help. A week later I was still ill and felt even worse. It seemed that the whole school turned into my mother, everybody bringing me to the doctors, picking me up from the doctors, arranging appointments for other doctors, translating, bringing me back home, and buying some medicine... I am

so grateful for that help. Alone in my bed I would have died. Then there was time to go home for Christmas. My parents fed me and cured me in old cold Germany, gave me lots of “useful” Christmas presents to survive in Lamego. Socks, a heating blanket, thermo underwear, fat shoes... But I was grateful. Now, after using my blanket and the socks, the sun starts to shine again. I think, in a very moment I can send all this back?!!

The students of my class 7C, 10 D, 11E, my Capoeira students, my library students and some students I never taught but see every day, really grew into my heart. You all make my life and work here so enjoyable, so relaxed, that I want to thank you for it. One thing I know for sure, the students in Germany will not make me so welcome. My Thanks go also to the functionaries of the library, Dona Vera and Dona Branca, who always joke around with me, and all functionaries who try to speak German with me. You always handled me with respect and have friendly words. I learned a lot of Portuguese from you.

A major Thanks I want to say to all the teachers who worked with me, had the patience to talk to me in Portuguese, treated me like a colleague and not as a freshman. During my time observing and teaching my two subjects you gave me more than you can think. I learned a good deal of teaching approaches, mainly with Maria Jòse, Christina Parente and Mininha. Also I learned a lot about my language. I never seemed to understand why I speak like I speak. A great “Thank you” I reserve for Maria José, who I do not see only as my supervisor, but as my mentor as well. I am sure I will look back to the time in Lamego, remembering her well-designed and active classes. And, needless to mention, I learned a lot of Portuguese words in the classroom. Whenever something needed to be translated, I wrote it down. It is a bit like teaching me Portuguese while everybody else is learning German.

And as it seems... after leaving Lamego and Portugal on the 15th of April to start my job in Germany...I will be returning to continue my life in your adorable country. DANKE.

Katharina Kittel

PROJECT COMENIUS



COISAS e LOISAS

Programa Sócrates / Comenius 1 – Parcerias entre escolas

Uma viagem para o desconhecido ...



A 17 de Julho de 2004 recebi um telefonema que viria a mudar a minha vida. Do outro lado da linha falava-me a Directora do Comenius 2.1 – o programa europeu que fomenta o intercâmbio de jovens professores entre países da Comunidade Europeia. Ela disse-me, a apenas um dia do meu exame final na universidade, que me tinham encontrado uma escola e que já era aguardada algures em Portugal. Como a candidatura estava escrita em português, não conseguiram dizer-me com exactidão para onde iria. Referiram apenas “Centro”. “Bem”, julguei eu, “deve ser o centro de Lisboa”. Liguei à minha amiga que vive em Lisboa, para dizer-lhe que iria lá trabalhar, mas quando lhe li informações no website da escola, ela disse-me que eu não iria passar muito tempo junto dela... Segundo ela, eu iria estar embriagada a maior parte do tempo e as minhas pernas ficariam tão fortes como as de um culturista, porque onde fica Lamego apenas dá para beber Vinho do Porto e subir e descer montanhas! A ideia de viver nas montanhas agradou-me.

Depois, entrei em contacto com a Maria José via e-mail. Não sabia em que língua escrever, uma vez que o meu Português era muito mau. Comecei por usar o Inglês, mas logo recebi como resposta um impressionante e-mail em Alemão. Pensei: “Se o meu Inglês for tão bom quanto o Alemão dela, posso considerar-me uma boa professora”. A primeira coisa que ela me contou foi a história do último professor assistente que tiveram, que ficou por apenas um dia! Quando se apercebeu de que Lamego não era a terra da farra que ele esperava que fosse, não perdeu tempo a voltar para Londres – outras pessoas disseram-me que, se tivessem uma irmã mais nova, gostariam que fosse educada em Lamego, por ser uma localidade muito católica. A informação reunida dava a entender que, em vez de festas, iria ter missas.

Sorte a minha, porque não gosto de grandes cidades, não gosto da confusão do trânsito, não gosto das hordas de gente que vão de umas lojas para as outras, não gosto de perder uma hora em transportes públicos para chegar ao trabalho e não gosto de gastar dinheiro. E, para ser sincera, não acho que Lisboa seja o sítio indicado para conhecer o verdadeiro estilo de vida português. As capitais do mundo ocidental são todas muito similares, em que europeus se

misturam com gente vinda de outras partes do mundo. Eu queria conhecer o português genuíno num cenário genuinamente português. Por isso, estava ansiosa por chegar a Portugal e disse à Maria José que iria, com toda a certeza, para Lamego.

Arrumei as minhas coisas, deixei de vez o meu apartamento e comprei um bilhete de ida para Portugal. Cheguei a Lisboa no final de Agosto. Fiquei na casa da minha amiga e tive algumas lições de Português, de modo a “sobreviver” à maratona de perguntas que me esperava em Lamego. Finalmente, num dia de Setembro, fui ver a minha nova casa. AD. Felisbela, minha senhoria, recebeu-me hospitaleiramente já a meio da noite, porque a minha amiga e eu perdemos-nos no caminho, algures entre Coimbra e Porto, numa viagem Lisboa-Lamego que levou mais de sete horas ... Mas aqui estava eu, no estrangeiro, longe do cenário costeiro da minha terra, no meio das montanhas, algures escondida no norte de Portugal. Fui directa para a cama, queria descobrir o resto da minha vida num novo dia.

Encontrei-me com a Maria José na manhã seguinte. Ela mostrou-me a escola, a antiga quinta, o ginásio, o seu café favorito e um pouco da cidade. Gostei realmente do que vi. Tive a impressão de que facilmente encontraria o caminho de volta para casa. E era isso que eu queria, ter tudo a uma distância acessível para quem se desloca a pé. De minha casa à escola preciso de quatro minutos e meio. Há melhor do que isto? Ainda por cima, vivo num bairro tradicional, com casario velho e senhoras idosas, que ainda lavam a roupa no rio. E, sim, tenho um rio mesmo à frente do meu nariz. Sentada na varanda, a ouvir o correr daquelas águas poderosas, dá-me a sensação de liberdade.

Ver a escola sem alunos foi uma boa experiência. Assim, tive a possibilidade de conhecer todas as entradas e saídas, as diferentes salas e andares. Fiquei a saber que estava autorizada a comer na cantina, o que é bom para uma pessoa que não tem muito dinheiro para gastar. Muito rapidamente, estabeleci uma agenda de trabalho e frequentei algumas conferências, nas quais consegui perceber o meu nome e apenas isso. Mas, tirando o facto de não entender o Português, fui recebida com tanto carinho e atenção que, de repente, senti que tinha mais cinco mães e três pais. Muito obrigada por me fazerem sentir tão bem-vinda! É escusado dizer que tenho vindo a aprender a cada dia que passa, o tempo aqui vivido é muito precioso para o meu futuro, o material de trabalho que obtive e criei irá sempre lembrar-me de Lamego quando já tiver voltado para casa.

O Verão passou e o Inverno chegou de um dia para o outro. Já estava em Portugal há quatro meses. Novembro foi um mês tão, tão frio em Lamego que eu nem queria acreditar que estava a congelar em Portugal.

Só então me dei conta de que não tinha aquecedor e de como o meu apartamento era húmido. Comprei um aquecedor, mas nem isso me impediu de ficar doente. Os meus rins estavam tão fracos como os de uma velhota de noventa anos, demasiado sensíveis ao vento e ao frio. Tive de ir a um hospital português. Uma experiência não muito agradável e que pouco me ajudou: passada uma semana, continuava doente e sentia-me ainda pior. Parecia que a escola inteira se tinha tornado na minha mãe, com toda a gente a ajudar-me nas idas e vindas do médico, na marcação de consultas com outros especialistas, nas traduções, no regresso a casa e na compra de medicamentos. Estou tão agradecida por todo o apoio que me deram! Sozinha

na minha cama, teria morrido.

Seguiram-se as férias de Natal. Os meus pais alimentaram-me e curaram-me na velha e fria Alemanha. Deram-me prendas “úteis” para sobreviver em Lamego: meias quentes, um cobertor eléctrico, roupa interior térmica, botas de Inverno... Estava agradecida. Agora, depois de usar o cobertor eléctrico e as meias, o sol decide voltar a brilhar – será que envio tudo de volta para a Alemanha?!!

Os meus alunos das turmas 7C, 10D e 11E, das minhas aulas de capoeira e da biblioteca, assim como estudantes que nunca ensinei, mas que vejo todos os dias, cresceram no meu coração. Todos vocês fazem com que a minha vida e o meu trabalho em Lamego seja tão proveitoso, tão relaxante, que quero agradecer-vos por isso. De uma coisa tenho a certeza, os meus alunos na Alemanha não me farão sentir assim tão bem-vinda. Quero agradecer, também, às funcionárias da biblioteca, D. Vera e D. Branca, que estão sempre a meter-se comigo, e todos os outros funcionários que tentam falar alemão comigo. Trataram-me com respeito e tiveram sempre uma palavra amiga a dizer-me. Aprendi muito Português com vocês.

Quero dizer “Obrigado” a todos os professores com quem trabalhei; tiveram a paciência de falar comigo em Português, trataram-me como uma colega e não como uma “caloira”. Durante o tempo em que assisti às vossas aulas e ensinei as minhas duas disciplinas, vocês deram-me mais do que possam pensar. Descobri novas técnicas de ensino, especialmente com a Maria José, a Cristina Parente e a Mininha. E aprendi muito sobre a minha língua. Acho que nunca tinha percebido por que é que falo como falo. Reservo um “Muito Obrigado” para a Maria José, que não a vejo apenas como supervisora, mas, também, como minha mentora. Tenho a certeza de que vou precisar de voltar atrás no tempo, para lembrar-me do formato activo e “bem desenhado” das suas aulas. É desnecessário dizê-lo, mas aprendi muitas palavras em Português durante as aulas. Sempre que precisava de alguma tradução, só tinha de escrever no quadro. Era um pouco como se estivessem a ensinar-me Português, enquanto toda a gente aprendia Alemão.

E, ao que parece... depois de deixar Lamego e Portugal no dia 15 de Abril para começar a trabalhar na Alemanha... eu irei voltar para continuar a minha vida no vosso adorável país. DANKE.

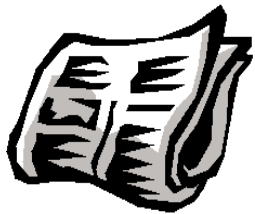
Katharina Kittel

Lamego, 16 de Fevereiro de 2005



FALAR A SÉRIO

“MASS MÉDIA” e SEXUALIDADE



Uma das características das Sociedades modernas é o papel e a importância dos chamados "mass média" (TV, Rádio, Revistas e Imprensa e outros meios de grande divulgação de mensagens). Os "mass média" são, simultaneamente, componentes das realidades modernas e (re) produtores desta (s) realidade (s), o seu impacto é imenso na propagação das ondas de mudança social.

Esta capacidade de divulgar velozmente uma mensagem, uma ideia, uma imagem, uma moda, é uma das características que mais diferencia a nossa época de outras épocas anteriores.

Os "mass media" são invenções dos seres humanos, existem enquanto organizações e actores sociais colectivos e enlaçam-se com a realidade de onde emergem, existem com determinada intencionalidade e procuram atingir determinados objectivos.

Recolhem os temas significativos das realidades sociais em que existem, os temas significativos para as pessoas. Trabalham-nos, reformulam-nos, e voltam a servi-los moldando as paisagens sociais e culturais em que nos deslocamos e vivemos.

Os universos locais, os nossos pequenos círculos do dia a dia, as relações familiares e de vizinhança, as relações de trabalho e de amizade, as nossas relações íntimas, são invadidos diariamente por esta dimensão mediática que transporta outras realidades.

Uma das características destes nossos universos comunicacionais modernos é a visibilidade e a importância que as questões de natureza sexual neles ocupam.

Não que o erotismo seja um tema recente na arte ou na literatura... a abordagem das questões eróticas é tão velha como a humanidade...mas o que diferencia o momento presente do antigamente é a projecção pública, a centralidade que os novos canais de comunicação dão a essas questões, o que quebra a tradicional dimensão secreta e reservada da sexualidade.

Em primeiro lugar o corpo, os corpos. Não só os corpos estáticos, mas os corpos em acção, em relação...não só os corpos implícitos, semi.ocultos, mas também os corpos explícitos numa expressão dinâmica e reveladora dos seus potenciais eróticos.

Ao contrário de épocas anteriores em que as imagens dos corpos eram cuidadosamente ocultadas, a nudez é hoje normal na publicidade, nas novelas e nos filmes.

O corpo é apresentado enquanto componente essencial das identidades pessoais e das relações humanas...

A par do corpo, o desejo e a sedução são também temas centrais da sexualidade na comunicação social.

O desejo sexual associa-se ao desejo de consumir determinado produto que se deseja vender. A sedução sexual torna-se a sedução do potencial consumidor ou cliente.

Outras vezes, a sexualidade é um tema de tratamento literário ou jornalístico (e não só de apelo publicitário). Porque, por um lado, a sexualidade é um tema de vida, das vidas, das relações humanas, da pequena e da

grande sociedade.

E por outro, porque a sexualidade, sendo um tema de vida, é um tema particularmente apelativo. Tanto mais apelativo quanto costumava ser objecto de silêncio, de ocultação, de mistério e de secretas transgressões.

Os conflitos morais em torno de questões sexuais, nomeadamente do pudor, da exibição do corpo, da valorização da componente erótica da vida foram uma constante dos debates morais da modernidade, fundamentalmente a partir dos inícios do século XX.

Sobretudo desde a década de 60, a relação de forças entre puritanos e liberais em matéria de moral sexual pendem decididamente para o lado dos segundos.

Vivemos pois numa sociedade hoje bem diferente de outras épocas ainda recentes em que a sexualidade era ocultada.

Muitas vezes os "mass media" são mistificadores. Obviamente que a sexualidade e o erotismo são, tão só, uma das parcelas da nossa vida, das nossas realidades.

Por vezes a centralidade de que atrás se falou é manifestamente exagerada. A beleza, a juventude, o desejo e a sedução são parte ou momentos da realidade, não são a "realidade" e muito menos "toda a realidade".

Dr.ª Filomena Viegas
Delegada de Saúde



DIZER... CRIAR

A ida ao Estabelecimento Prisional foi uma experiência nova para todos nós. No início estávamos "nervosos" e a ansiedade ia crescendo gradualmente, mas depois do primeiro contacto com a instituição apercebemo-nos de que o ambiente era calmo, contrariamente ao que esperávamos.

De facto, a questão da segurança era algo que estava a ser cumprido rigorosamente: os telemóveis, carteiras e metais tiveram que ficar na portaria. Toda esta segurança se explica pelo facto de estarmos num local onde estão pessoas a quem foi retirado (provisoriamente) o direito à liberdade.

Os trabalhos relativos aos Direitos Humanos contribuíram para a divulgação e esclarecimento de certos pontos de situação e/ou certas dúvidas aos reclusos, guardas prisionais e professores presentes.

A amabilidade com que fomos recebidos contribuiu para a quebra da nossa tensão, o que se reflectiu numa apresentação/exposição dos trabalhos com êxito.

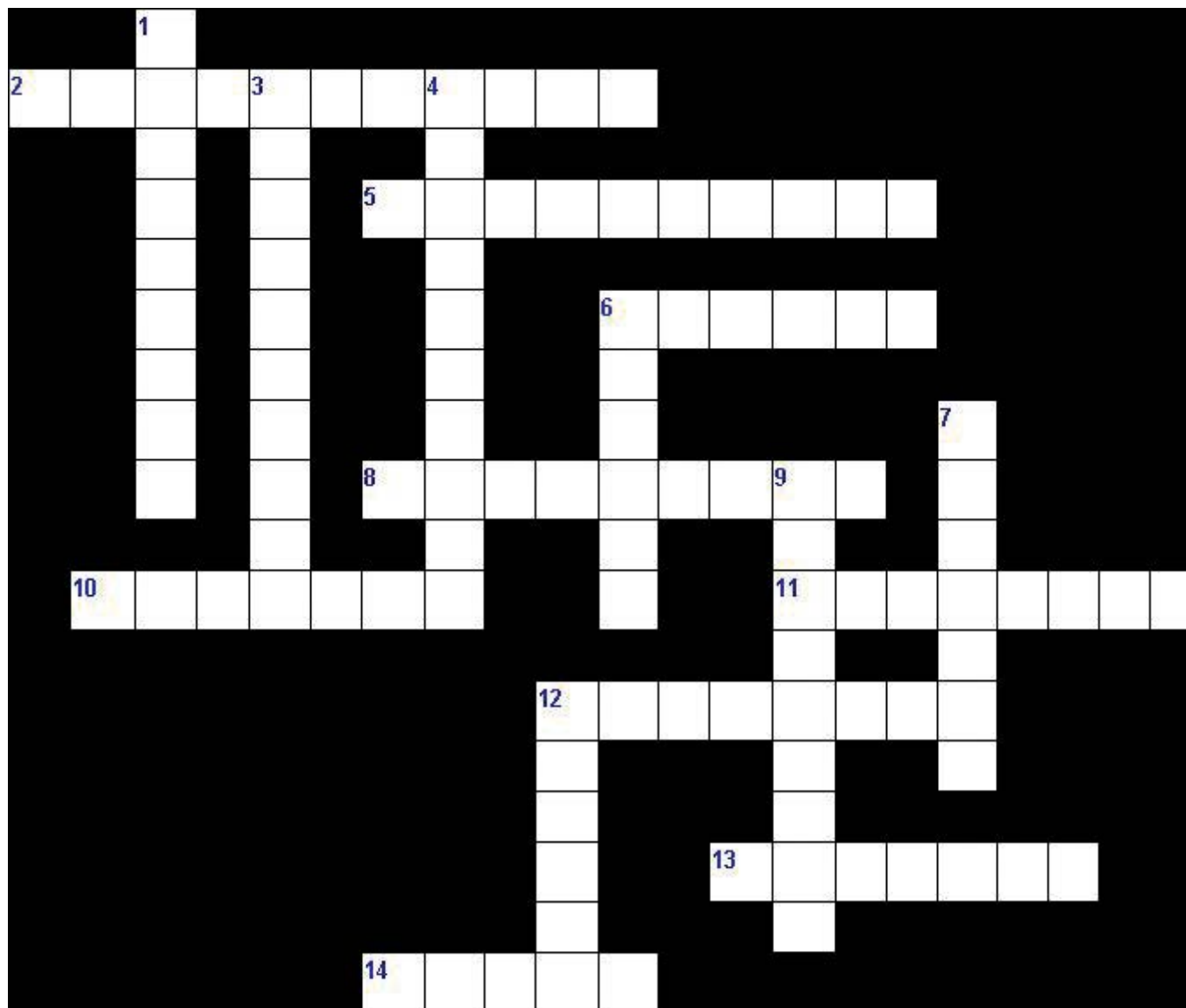
Ficamos com uma boa impressão daquilo que é um estabelecimento prisional (embora não tenhamos visitado as celas), devido ao interesse e participação demonstrados pelos reclusos presentes.

Foi uma actividade interessante e, por isso, gostaríamos que não ficasse esquecida.

Os alunos do 12.º A,B e D



PASSATEMPOS / CURIOSIDADES



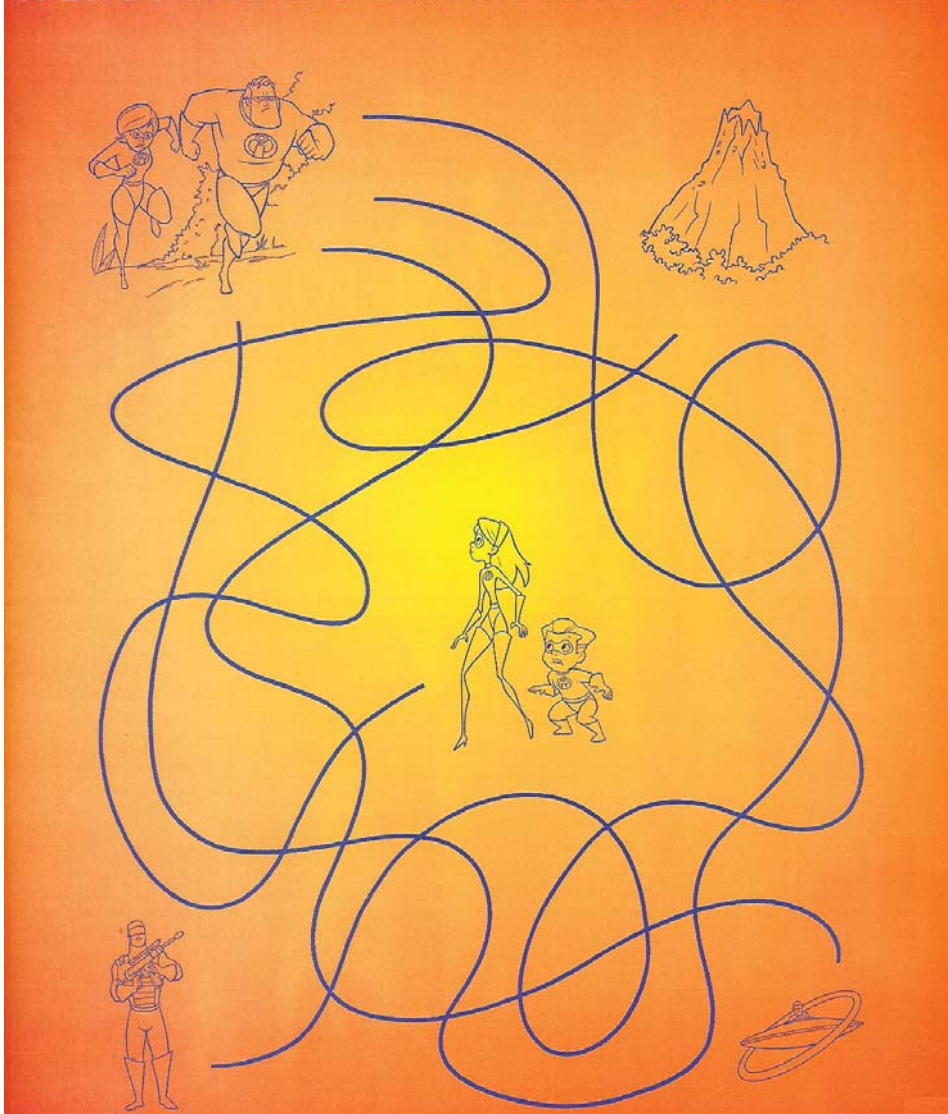
Verticais

1. Pessoa que se dedica ao ensino
3. Pessoa que é proprietária de uma empresa ou dirige uma fábrica
4. Pessoa altamente qualificada, responsável pela elaboração e direcção de projectos, pesquisas ou trabalhos no âmbito técnico, industrial ou agrícola.
6. Indivíduo que dirige uma embarcação ou um avião
7. Pessoa que, na rádio e na televisão, apresenta as emissões ou lê as notícias
9. Pessoa que orienta a preparação de um desportista ou de uma equipa de desportistas
12. Profissional que trata um doente

Horizontais

2. Ofício do que trabalha a madeira
5. Aquele que se dedica à cultura da terra
6. Artista que se dedica ao retrato, à paisagem, etc
8. Pessoa que representa os interesses de um país junto de outro
10. Pessoa que se especializou no estudo da Terra
11. Artista que trabalha um material sólido para representar ou sugerir pela forma um objecto
12. Profissão daquele que monta e repara máquinas e motores
13. Agente da autoridade
14. Artista dramático

AJUDA O SR. INCRÍVEL E A MULHER ELÁSTICA A ENCONTRAR O FLECHA E A VIOLETA PÊRA..



CURIOSIDADES

1 . Como surgiram as batatas fritas fininhas tipo 'chips'?

Em meados do século XIX George Crum chefe de cozinha meio índio-meio branco servia batatas fritas à francesa. Com a queixa de uma pessoa que dizia que estavam demasiado grossas, foi-as tornando cada vez mais fininhas até que chegou ao modelo das chips que conhecemos hoje.

2. Sabia que...

Numa estátua de uma pessoa sentada num cavalo, se o cavalo tiver as duas patas da frente levantadas, significa que essa pessoa morreu em batalha. Se tiver apenas uma pata levantada, significa que essa pessoa morreu de ferimentos resultantes de uma batalha. Se o cavalo tiver todas as patas no chão, significa que a pessoa teve uma morte natural.

3. Porque é que a bandeira portuguesa é verde e encarnada?

Durante a monarquia a bandeira portuguesa era azul e branca com a coroa real no meio. No entanto, após a implementação da República, esta passou a ser verde e encarnada, com a esfera armilar no centro, significando as cores, respectivamente, a esperança no futuro e o sangue derramado pelos heróis portugueses, enquanto a esfera armilar representa a era dos Descobrimentos.

QUEBRA-CABEÇAS

1. Como é que $4+5+5=450$ usando apenas um traço?
2. Os gatinhos amiguinhos passeavam de balão, cada gato vê três gatos, quanto gatos são?



Escola Secundária/3 da Sé - Lamego
Quinta da Cerca
5100 Lamego
Tel.: 254 600280
Fax: 254 615079
esec3se.lamego@mail.telepac.pt
www.prof2000.pt/users/esslamego